



## CASTRO ALVES, O MAIOR POETA DO BRASIL

José de Lima Machado

Médico - Cirurgião Geral e Ultrassonografista

Presidente da Academia Paraibana de Letras Maçônicas

Cognominar Castro Alves o maior poeta do Brasil, para mim, que ocupo a cadeira nº 12 da Academia Paraibana de Letras Maçônicas, patroneada por ele, ou mesmo, pela paixão nutrida desde a adolescência por suas poesias, torna-se talvez até uma afirmação suspeita.

Por essa razão, e mais importante ainda, sem dúvida, é juntar os elementos que demonstrem o protagonismo do poeta condoreiro na plêiade dos nossos vates brasileiros, tão importantes quanto Castro Alves, nas diversas escolas literárias e no pós-modernismo.

A obra de Castro Alves não é vasta, nem poderia, pelo fato de ele ter falecido aos 24 anos de idade. Entretanto, são três livros publicados, “Os Escravos”, “Espumas Flutuantes” e “A Cachoeira de Paulo Afonso”, e uma peça teatral, o “Gonzaga ou a Revolução de Minas”, que traz à tona a Inconfidência Mineira. Por esses livros, tão-somente, não se poderia afirmar que o poeta é o maior do Brasil.

O que então leva alguns críticos a dizerem e outros a confirmarem a alcunha que lhe é atribuída?

Castro Alves começou a fazer suas poesias logo cedo e, aos treze anos, já declamava, no Colégio Sebrão, a poesia “Ao Natalício do meu diretor”, em alusão ao seu mestre, o Dr. Abílio César Borges, educador que inovou o ensino, trazendo para o seu educandário o sistema seriado, com as disciplinas ensinadas simultaneamente em um ano e aperfeiçoadas no ano seguinte. Na época, já teve como colegas Rui Barbosa e Tobias Barreto. Foi nesse colégio que Castro Alves aprendeu latim, francês e inglês, além de história e filosofia, que faziam parte da grade escolar. Não gostava de matemática; afinal, era um homem de índole voltada para o social, o romantismo, as letras. O conhecimento de latim fez com que, ainda menino, traduzisse em versos uma ode de Horácio e as poesias de Victor Hugo, que constavam do livro de leitura em francês adotado em classe.

Esse livro era “A Antologia dos poetas franceses”, que se tornou seu companheiro do dia a dia, em especial os poemas de Victor Hugo. Outros poetas, como Camões, Bocage, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias e o inglês Byron faziam parte de suas leituras. Entretanto, não se deixou inspirar pela verve poética desse último, como aconteceu com Álvares de Azevedo, vivendo a vida desastrosamente, em constantes boemias, o que o levou à morte prematuramente.

Seu deslanche na poesia, entretanto, deu-se entre os dezesseis e os dezoito anos. Daí, nos saraus literários, com os estudantes da faculdade de Direito do Recife e nas noitadas no Teatro Santa Isabel, principal polo de diversão e cultura da sociedade pernambucana à época, a disputa com Tobias Barreto pela preferência entre as duas atrizes principais que encenavam juntas, Eugênia Câmara e Adelaide do Amaral, gerou inimizade entre os dois, com farpas atiradas mutuamente.

Enquanto Tobias, culto, poeta, professor, demonstrava querer subir em escala social, para ser um dos principais da sociedade, Castro Alves, igualmente culto, não tencionava o mesmo, mas sim queria mostrar ao povo os caminhos da liberdade, a barbárie da escravidão e a necessidade de um poder republicano para o País.

Assim foi que, de improviso, em pleno Teatro, à vista de mulheres encantadas e dos jovens universitários, que formavam torcidas pelos dois acadêmicos, em uma fatídica noite, saiu vitorioso nas frequentes disputas que geravam preferências entre os alunos da faculdade de Direito. Querendo Tobias humilhá-lo, declamou, referindo-se a Eugênia Câmara, insultando-a, pelo que se vê no último verso:

Figura 1: Teatro Santa Isabel

Sou grego, pequeno e forte  
Das forças do coração.  
Vi de Sócrates a morte,  
E conversei com Platão...  
Sou grego, gosto das flores,  
Dos perfumes, dos rumores;  
Mas minha alma inda tem fé...  
Meus instintos não esmago,  
Não sonho, **não me embriago**  
**Nos banquetes de Friné!...**



Fonte: [brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=teatro-santa-isabel](http://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=teatro-santa-isabel)

Castro Alves, entretanto, respondeu-lhe à altura, denunciando a devoção de Tobias pela atriz Adelaide Amaral, sabendo que ela era casada. Da improvisação, apenas dois versos são lembrados:

**Sou hebreu; não beijo as plantas**

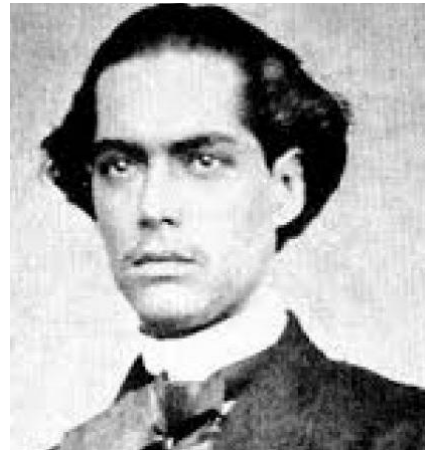
**Da mulher de Putifar...**

A lírica despontava no poeta já com força e vigor, quando aos 16 anos, após uma hemoptise no meio da noite, escreveu o poema “Mocidade e Morte”, anteriormente intitulada “O Phtysico”, descrevendo sua virilidade, contrastando com a realidade que a tuberculose àquela época significava. Muitas das características inconfundíveis de Castro Alves estão plenamente realizadas nesse poema, a sonoridade verbal milagrosa, a riqueza metafórica, uma sensualidade muita sua. O embate entre a ânsia orgânica pela vida e a fatalidade da doença são de uma beleza sem par:

“Oh! Eu quero viver, beber perfumes  
Na flor silvestre, que embalsama os ares;  
Ver minh’alma adejar pelo infinito,  
Qual branca vela n’amplidão dos mares.  
No seio da mulher há tanto aroma...  
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...  
--Árabe errante, vou dormir à tarde  
À sombra fresca da palmeira erguida.”

“Mas uma voz responde-me sombria:  
Terás o sono sob a lájea fria.”

Figura 2: Antônio Frederico de Castro  
Alves



Fonte: Folha Espírita  
Cairbar Schutel - Castro Alves

E, no quesito do lirismo amoroso, quando apaixonado pela portuguesa Eugênia Câmara, assim se declarava:

Figura 3: Eugênia Câmara e Castro Alves



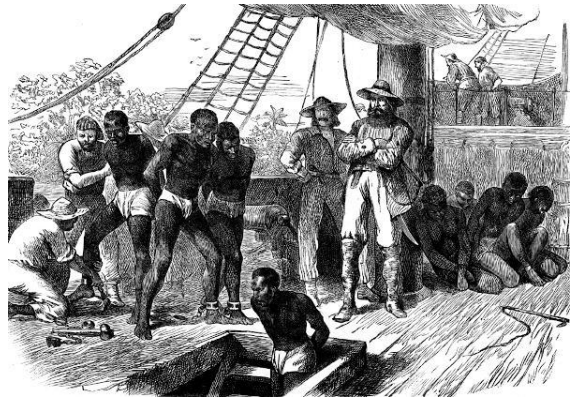
Fonte: Academia Cristã de Letras - Castro Alves e seus amores

Um dia, em que a terra a sós vagava  
Pela estrada sombria da existência,  
Sem rosas – nos vergéis da adolescência,  
Sem luz d'estrela –pelo céu do amor;  
Senti as asas de um arcanjo errante  
Roçar-me brandamente pela frente,  
Como o cisne, que adeja sobre a fonte,  
Às vezes toca a solitária flor.

O que leva a proclamar Casto Alves como o maior entre os poetas brasileiros encontra sustentação no fato de sua poesia abranger aspectos importantes do Brasil da época, com o engajamento social e político, incentivando o povo sobre a liberdade, combatendo a escravidão; um talento precoce de verdadeiro tribuno, com sua voz bela, forte, volumosa, nítida, penetrante, associada à bela figura que levou o poeta Carlos Ferreira a dizer que, quando ele declamava para o grande público, os assistentes tinham “arrepios de assombro”, nele vendo “mais um semideus que um poeta”; a capacidade de unir nacionalismo, denúncia social e lirismo. E ainda o teor condoreiro de muitas de suas poesias, com metáforas e hipérboles. É comum em uma única estrofe todas essas características aparecerem juntas (como no poema Navio Negroiro):

Fatalidade atroz que a mente esmaga!  
Extingue nesta hora o brigue imundo  
O trilho que Colombo abriu na vaga,  
Como um íris no pélago profundo!...  
Mas é infâmia de mais...Da etérea plaga  
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...  
Andrada! Arranca este pendão dos mares!  
Colombo! Fecha a porta dos teus mares!

Figura 4: Africanos escravizados em navio



negreiro

Fonte: O navio negreiro, de Castro Alves:  
resumo e análise - Brasil Escola

Ou neste outro poema (Vozes D'África):

Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?

Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes

Embuçado nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito,

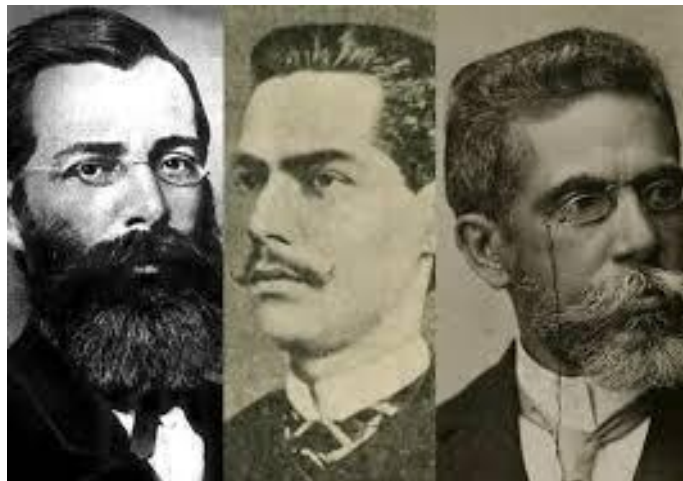
Que embalde desde então corre o infinito...

Onde estás, Senhor Deus?...

Os contatos de Castro Alves com José de Alencar e Machado de Assis no Rio de Janeiro e a amizade com Fagundes Varela, com o reconhecimento destes, corroboraram a primazia daquele que lutou pela abolição dos escravos, de modo que mais que muitos comícios e discursos parlamentares, e polêmicas, e artigos em jornal, os poemas do poeta contribuíram para ganhar adeptos à causa abolicionista. Eles continuaram a ser parte importante da campanha até o fim, até o 13 de maio. Foi dos primeiros a se engajarem na luta e dela não se apartou, nem mesmo depois da morte.

O poeta faleceu em 06 de julho de 1871, no palacete de Sodré, em Salvador, devorado pela tuberculose. Além da extraordinária obra poética, deixava traduções em verso da mais alta qualidade. Sua curta vida, comum a quase todos os seus êmulos de escola literária, não permitiu que se dispersasse em nada que não fosse aquilo que representa os altos ideais humanos, amor, arte, justiça, embora não nos caiba supor que, com mais longa vida, sua trajetória fosse diferente.

Figura 5: José de Alencar, Castro Alves e Machado de Assis



Fonte: A glória esplêndida – De José de Alencar para Machado de Assis Rio: primeiras poses

“O povo guardou memória disso. E mais ainda: fez do jovem baiano o paradigma do poeta. Na visão popular, durante muito tempo, e em alguns lugares até hoje, um poeta é um rapaz magro, de basta cabeleira ondulada, rosto pálido, olhos brilhantes, voz sonora, mãos longas e gestos amplos. À imagem e semelhança de Antônio Frederico de Castro Alves”. (Em Perfis brasileiros – Castro Alves)



### Referências

- AMADO, Jorge. **ABC de Castro Alves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BUENO, Alexei. **Machado, Euclides e outros monstros**. São Paulo: B4 Editores, 2012.
- Coleção a obra-prima de cada autor. **Os Escravos**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.
- Coleção a obra-prima de cada autor. **Espumas Flutuantes**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.
- SILVA, Alberto da Costa. **Perfis brasileiros – Castro Alves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.